

1 – Introdução	2
2 – Meio Ambiente	3
3 – Cultura e ideologia	6
4 – Conflitos Migratórios	13
5 – Tema para VOCÊ TREINAR	17
6– Temas de redação	19
<i>6.1 Temas que já foram cobrados</i>	<i>19</i>
<i>6.2 Possíveis temas</i>	<i>19</i>
7– Contatos com o Professor	20
8– Folha de Redação	21



1 – INTRODUÇÃO

Estrategianos, tudo em paz?

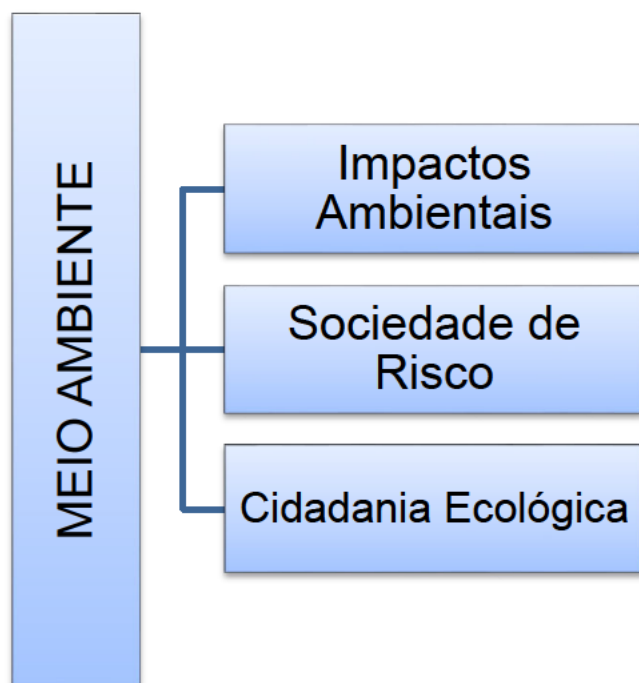
Uau! Passou rápido e já estamos na rodada temática! Espero ter contribuído um pouco com sua caminhada rumo à aprovação!

Esta é a nossa terceira rodada temática, que tem como objetivo ampliar o seu repertório sociocultural, discutir temas potenciais e contribuir com a parte de conteúdo de sua redação (formulação de argumentos e de fundamentações).

Avante!



2 – MEIO AMBIENTE



Desde o período conhecido como Pré-História os homens enfrentam diversos riscos, principalmente aqueles de ordem natural como, por exemplo, as secas, os terremotos, os raios, as tempestades, os vulcões, as enchentes, os tsunamis, etc. Atualmente, muitos desses fenômenos podem ser previstos e terem seus efeitos reduzidos.

Diferente de outros períodos históricos, **a sociedade contemporânea intensificou os riscos de uma outra ordem, ou seja, aqueles produzidos pela própria ação dos homens**. As formas de relação entre técnica/ tecnologia com a natureza tem impactado drasticamente o meio ambiente.

Esses dois parágrafos acima são excelentes para você colocar na introdução!

No modo de produção capitalista, que necessita constantemente de inovação e de recursos naturais para impulsionar a produção e o consumo em massa – característica intensificada pelo sistema produtivo *fordista-taylorista* do início do século XX -, implicou a produção de **produtos em larga escala** a preços competitivos. As mudanças no meio ambiente se aceleraram e se intensificaram, devido à exploração massiva de recursos naturais. **Como consequência, espécies da flora e da fauna foram extintas. Reservas de recursos minerais começaram a se esgotar e o solo ficou cada vez mais degradado.**

Aquela promessa iluminista da modernidade de que os avanços técnicos-científicos contribuiriam para emancipação social, isto é, que o ser humano superaria a rudeza do trabalho e da dominação social por ser dotado de inteligência, vontade e liberdade, não se concretizou. **Ao contrário do esperado, a modernização acelerada gerou novas formas de exploração do trabalho e novos riscos como as guerras químicas, guerras nucleares, falta de água potável, escassez de alimentos em diversas partes do mundo, etc.**



O sociólogo alemão **Ulrich Beck** denominou as últimas décadas do século XX de “**sociedade de risco**”, na qual os bens coletivos não estão mais garantidos. A produção social das riquezas é acompanhada pela produção de riscos sociais e ambientais. Viver em uma sociedade de risco implica viver uma era de incertezas.

A serviço de interesses econômicos pode alterar a vida no planeta, dificultando a sobrevivência humana.

São muitos os efeitos das mudanças resultantes da relação que os seres humanos estabelecem entre si com a natureza, por exemplo: **a poluição do ar**, que gera como consequência problemas de saúde (respiratórios, cânceres e doenças pulmonares); **poluição hídrica**, que afeta principalmente a população mais pobre, desencadeando diarreia, disenteria e hepatite; **a má gestão dos resíduos sólidos**, que contribui para a poluição hídrica e proliferação de doenças; e **o aquecimento global**.



Os ambientalistas sempre destacam o **aquecimento global, então, todo cuidado é pouco!** O aquecimento global é causado pelas ações humanas como a queima de petróleo, de carvão, destruição de florestas e diversos tipos de gases, os quais levam à concentração de gases no chamado efeito estufa. Dessa forma, há o aumento gradual na temperatura média na terra, devido a mudanças na composição química que ocorrem na atmosfera.

As temperaturas e o nível do mar estão subindo, o que geram sérias consequências ambientais. Para conter esse processo, é preciso um pacto entre as nações para reduzir a emissão de gases nocivos, que são produzidos pelas indústrias e por produtos que utilizamos no nosso cotidiano.

Os protocolos internacionais têm gerado poucos resultados e aumentado os desafios para resolver os problemas ambientais que são globais.

Os países mais desenvolvidos economicamente são aqueles que mais causam danos ao meio ambiente, já que são grandes consumidores e exploradores de recursos naturais, enquanto os países mais pobres pagam “o pato”, porque além de sofrerem as consequências que são mundiais, precisam se industrializar e não possuem, em sua maioria, legislação protetiva rigorosa. Além disso, muitos são receptáculos de lixo eletrônico e lixo tóxico. **Esse processo é conhecido como “duping**



ecológico”, isto é, instalações de filiais de empresas poluidoras de determinados países em outros, nos quais as leis ambientais são menos rígidas.

Como podemos perceber, as possíveis soluções são de âmbito global, que carece de pactos entre as nações. É fundamental pensar numa nova ética, que ficou denominada de **ecoética**, isto é, **uma relação respeitável e responsável dos seres humanos com o planeta, considerando uma forma de cidadania terrestre. Esta visão mostra que todos são corresponsáveis pela proteção e preservação do meio ambiente.**

Outro ponto a ser ressaltado é a importância dos movimentos ambientalistas que vêm pressionando por leis mais rigorosas, protocolos internacionais e medidas de conscientização do consumo, promovendo a sustentabilidade e a preservação ambiental.



3 – CULTURA E IDEOLOGIA



É comum você já ter dito ou escutado as seguintes frases: “se comporte que nem homem”, “as mulheres são frágeis”, “esta lutadora nem parece mulher”, entre muitas outras. Além dessas, escutamos também cotidianamente alguns adjetivos sobre “raças”, tais como: “os negros são indolentes”, “os índios são preguiçosos” e as “pessoas pobres são violentas”.

Essas e muitas outras frases são permeadas de preconceitos ou de uma visão de senso comum. Refletem a crença na existência de uma natureza humana, uma essência humana, que teria a tendência de ser a mesma em todos os tempos e lugares, e que as diferenças existentes são naturais.

Ao dizer que determinada coisa existe naturalmente, é dizer que essa coisa existe necessariamente, e que não pode mudar tendo característica universal. Ora, então podemos concluir que não dependem da ação e da intenção dos seres humanos, **basta deixar a “natureza” agir.** Sabemos que essa forma de pensar não procede, já que os **seres humanos são construídos culturalmente e historicamente.**

“Ser homem ou ser mulher” depende da construção social, o que irá variar no tempo e no espaço. Depende do que cada sociedade atribui como características a cada gênero e o que espera de comportamentos e sentimentos do “homem” e da “mulher”. Por exemplo, em nossa sociedade contemporânea foi atribuído aos meninos a cor azul, brincar com carros e bonecos, jogar futebol, se comportar como “machos”, não pode chorar, precisa ser forte, etc. Já as meninas ficaram com a cor rosa, devem brincar com bonecas, fazer dança, usar vestido e ser sensível, etc.

Será que essas características são naturais e universais ou fazem parte de uma determinada construção cultural e histórica que depende das ações humanas?

A antropóloga **Margareth Mead (1901-1978)** investigou o modo como os indivíduos recebiam os elementos de sua cultura e a maneira como isso formava sua personalidade. Seu objeto de pesquisa era compreender as condições de socialização da personalidade feminina e masculina. Analisou três povos (Arapesh, Mundugumor e Chambuli), da Nova Guiné, na Oceania. Percebeu diferenças significativas entre esses povos.

Entre os Arapesh não havia diferenciação entre homens e mulheres, pois ambos eram educados para ser dóceis e sensíveis. Os Mundugumor também não havia diferenciação: os indivíduos de ambos os sexos eram educados para a agressividade, caracterizando relações de rivalidade. Já os Chambuli havia distinção entre homens e mulheres, mas de modo bem diferente do que conhecemos: a mulher era educada para ser extrovertida, empreendedora, dinâmica e solidária com o membro de seu sexo, enquanto os homens eram educados para ser sensíveis, preocupados com a aparência e invejosos. Isso resultava em uma sociedade em que as mulheres detinham o poder econômico e garantiam a sustentação do grupo. Aos homens ficavam reservadas funções domésticas, cerimoniais e estéticas.

Em resumo, os estudos de Mead e de tantos outros antropólogos e sociólogos **mostram que as diferenças de personalidade, de comportamento, de vestimenta, de gostos não estão vinculadas a características biológicas (sexo), mas sim como cada sociedade e cultura define a educação e os processos de socialização desde a tenra infância.**

No que se refere àquelas frases sobre a preguiça dos índios ou a malandragem dos negros, sabemos que essas afirmações têm uma construção histórica. Os índios antes do trabalho compulsório tinham um ritmo e forma de lidar com o tempo e com a natureza bem diferente dos europeus. Buscavam na natureza o suficiente para alimentar a tribo.

Já os negros africanos, quando do período da escravidão, eram considerados fortes e inteligentes para trabalharem no engenho de açúcar. No entanto, com a abolição, que veio quando a elite econômica considerou mais lucrativa a mão de obra imigrante, porque a mão de obra escrava ficou cara e escassa, além da necessidade de se adaptarem a mão de obra assalariada, vincularam que os negros não serviam mais para a lavoura de café e para as fábricas, visto que eram “indolentes e malandros”.

Mas, afinal, o que significa cultura?

Há dois significados como ponto de partida, a saber:

O primeiro está relacionado à etimologia da palavra quem advém do latim (cultivar, criar, tomar conta e cuidar). Assim, cultura estava associada à agricultura, ao culto dos deuses, cuidado do corpo e da alma das crianças (*paideia*). Nesta concepção, os seres humanos são considerados seres naturais diferenciando-se das plantas e animais pela linguagem e uso da razão. Sua natureza deve ser educada, cultivada de acordo com os valores da sociedade, ou seja, é uma natureza que adquire costumes.

Já uma segunda concepção, a partir do século XVIII, percebe a cultura como resultado e consequência das ações dos seres humanos: obras arquitetônicas, arte, religião, ciência, filosofia,



política, vestimenta, alimentação, linguagem, etc. Ou seja, uma concepção bem ampla que torna cultura sinônimo de civilização e separa natureza de cultura.

Na medida em que esta segunda concepção foi se consolidando, **cultura passou a significar também a relação que os seres humanos socialmente organizados estabelecem com o tempo e com o espaço, com outros seres humanos e com a natureza.**

Se somos seres históricos e culturais, isto é, uma construção de ações dos homens no tempo e no espaço, podemos considerar que dependendo da sociedade em que vivemos e de nossos processos de socialização (família, escola, religião, trabalho, grupo social, etc.) vamos ter certas formas de pensar, sentir e agir na sociedade. Isso tudo nos leva a pensar na diversidade humana, cultural e ideológica. **Contudo, sabemos que um dos maiores desafios - não somente da sociedade contemporânea -, é a aceitação das diversidades entre sociedades diferentes ou entre os próprios homens de uma mesma sociedade.** Isso ocorre porque temos a tendência de acreditar que nosso grupo social ou determinada ideia ou determinado comportamento que defendemos como correto são os melhores, que são pontos de vista superior.

Quando há um grupo ou sociedade que se considera superior, uma civilização mais avançada do que as demais, isso se configura como etnocentrismo (uma determinada etnia ou sociedade como centro).

Na história não faltam exemplos: na Antiguidade, os gregos consideravam “bárbaros” aqueles que não falavam grego e que não compartilhavam a estrutura democrática da *pólis*. Na expansão marítima europeia, os povos americanos foram considerados “selvagens”. Inclusive, um dos maiores debates do século XVI e XVII era se os índios e os escravos africanos tinham ou não alma. Outro exemplo é o “Destino Manifesto”, crença dos norte-americanos do século XIX de que deveriam expandir seu domínio por toda a América, por pensarem que eram povos mais avançados.

O etnocentrismo gera intolerância e preconceitos diversos. A crença da superioridade do branco em relação ao negro faz parte de vários períodos da História (escravidão, os princípios da raça ariana que Hitler defendia e a política de embranquecimento que ganhou força na década de 1930 no Brasil). Além disso, com a globalização há o pressuposto de que a cultura ocidental e os valores “democráticos” são superiores e que os demais países e culturas diferentes devem assumi-los.

O etnocentrismo pode levar a consequências sérias em nossa convivência com os outros e nas relações com os povos, tais como: aversão ao imigrante, guerras, racismo, intolerância religiosa.

Por outro lado, podemos pensar se de fato existe alguma cultura “pura”. Mesmo antes da globalização, em vários momentos da história as sociedades absorvem aspectos culturais de outras. Podemos citar a relação do Império Romano ao dominar a Grécia, absorvendo e valorizando vários aspectos da cultura grega.

No século XX e início do XXI, com a superação das fronteiras geográficas existentes através do cinema, da televisão e principalmente da internet, as trocas culturais se intensificaram e os contatos passaram a ter múltiplos pontos de origem. Assim, hoje se fala **em culturas híbridas, porque não se**



pode considerar uma cultura como de um único país, mas como parte de uma imensa cultura mundial.

Quer um exemplo simples? Cada vez mais é comum no ocidente praticantes de meditação, que é uma prática da cultura oriental. Por sua vez, cada vez mais o oriente se abre ao ocidente, enviando alunos para as faculdades americanas e europeias.

Isso não significa que a cultura particular de uma região, grupo social ou país tenha desaparecido. Elas convivem com essas trocas híbridas que atingem o nosso cotidiano através da música, pintura, linguagem, cinema, literatura. Essas formas híbridas ao mesmo tempo coexistem com aquilo que é específico. Isso ressalta a importância de preservar e promover a diversidade.

Outro aspecto relevante do debate que tangencia a ideia de cultura é a sua separação entre cultura popular e erudita. É comum encontrarmos especialistas que classificam a cultura em dois tipos: a erudita e a popular. **Essa classificação tem como ponto de partida a divisão da sociedade em classes**, na qual haveria uma identificação da elite e da classe média tradicional com determinados gostos e produções culturais como música clássica, artes plásticas, escultura, museu, pintura, teatro e literatura. Por outro lado, a cultura popular é aquela atribuída às camadas populares da sociedade como o funk, o rap, o grafite, o folclore, o carnaval, o artesanato.

O tipo de visão acima tem a tendência de desconsiderar a circulação que há entre as diversas produções culturais entre as classes sociais. Nesse sentido, as obras eruditas seriam aquelas mais valorizadas, consideradas mais legítimas na sociedade em comparação à cultura popular. Isso quer dizer também que **há uma dominância cultural da elite, dos seus valores e estilo de vida.**

Outros autores vão dizer que não faz sentido separar cultura em popular ou erudita. Para eles, cultura é um processo relacionado ao trabalho seja o de ensinar uma criança (concepção de *paideia* dos gregos) ou de cuidar da agricultura. Assim, todas as pessoas têm cultura, porque através de seu trabalho desenvolvem ações, criam algo: a renda de uma toalha, a construção de uma casa, a elaboração de uma música, a reflexão filosófica, etc. Portanto, cultura é algo que se faz, e não apenas um produto que se adquire. **Nesta visão, como dissemos, não faz sentido diferenciar cultura erudita e cultura popular, porque tudo é cultura.**

Por outro lado, quando se afirma que alguém tem mais cultura do que outra pessoa num sentido de superioridade, como elemento de diferenciação social ou de imposição, aí não se trataria mais de cultura, e sim de ideologia.

Se a concepção de cultura começa na Antiguidade, o conceito de **ideologia começa a aparecer na Idade Moderna.**

O filósofo e matemático Francis Bacon (1561-1626) defendia que além de uma observação rigorosa e a necessidade de comprovar algo através da experimentação, era necessário que os cientistas se libertassem daquilo que ele chamou de ídolos, isto é, falsas noções que poderiam ser da própria limitação da natureza humana, dos sentidos, da linguagem e das próprias concepções filosóficas ou científicas cultivadas como verdades. Em resumo, os “ídolos” são falsas noções, ideias erradas e irracionais.



A primeira vez que de fato a palavra ideologia foi empregada foi em 1801, quando o pensador francês Destutt de Tracy a empregou como o estudo das ideias, procurando explicar fenômenos que interfeririam na formação das ideias como vontade, razão, percepção e memória.

O filósofo alemão Karl Marx vai dizer que a ideologia era um sistema elaborado de representações e de ideias que correspondem a formas de consciência que os homens têm em determinada época. A classe dominante não dominaria somente a vida material, mas também a vida intelectual. **Para ele, ideologia é a inversão da realidade, um falseamento da realidade.**

Outro autor de destaque que irá discutir sobre ideologia é Karl Mannheim (1893-1947). Para ele, ideologia poderia ser conceituada de duas formas: particular e total. **A primeira corresponde à ocultação da realidade, incluindo mentiras conscientes e ocultamentos subconscientes, que provoca enganos. Já a ideologia total é a visão de mundo de uma determinada classe, que reproduziria suas ideias.**

Para Mannheim, **as ideologias são sempre conservadoras, pois expressam o pensamento das classes dominantes.** Já a utopia estaria associada às classes oprimidas, que querem mudanças.

No nosso dia a dia exprimimos várias ideias, ações e comportamentos ideológicos. **A partir da concepção de ideologia de Karl Marx e de Karl Mannheim a sociedade capitalista segue a lógica do Mercado, que produz maneiras específicas de pensar, sentir e agir no mundo. Essa lógica pretende ser universal e identifica a realidade social com o que as classes dominantes pensam, ocultando assim contradições existentes e silenciando outras formas de representações.**

Você pode estar pensando: “onde começa a cultura e onde termina a ideologia ou vice-versa?” Para muitos autores esses dois conceitos precisam ser analisados conjuntamente, principalmente para entender o processo de dominação nas sociedades capitalistas.

O autor marxista italiano, **Antônio Gramsci (1891-1937)**, analisa a cultura e a ideologia por meio do **conceito de hegemonia e dos aparelhos de hegemonia.** Hegemonia significa preponderância, supremacia, ou seja, como determinada classe dominante consegue fazer com o que seu projeto seja aceito pelos dominados, desarticulando a visão de mundo autônoma de cada grupo potencialmente adversário. Isso, para ele, é feito através dos aparelhos de hegemonia, que são práticas intelectuais e organização no interior do Estado e na Sociedade Civil como o sistema educativo, o processo de comunicação, as artes, etc. **Portanto, exercem convencimento e não somente coerção.**

Para Gramsci, somente a coerção não consegue fazer com que uma classe seja dominante. A classe dominante precisa persuadir e convencer por meio de intelectuais a serviço do poder, das instituições sociais e da comunicação (jornais, revistas, televisão, cinema, internet) a maioria das pessoas, inclusive as classes dominadas. Por este processo, cria-se uma visão que seria comum a todos, uma única possível visão.

Para combater esse tipo de dominação hegemônica, Gramsci aponta a possibilidade de ações de contra-hegemonia, que poderiam ser desenvolvidas por intelectuais orgânicos vinculados à classe trabalhadora, na defesa de seus interesses devendo ocupar gradativamente espaços na Sociedade Civil e no próprio Estado. Assim, combateriam os ideais burgueses divulgados pela escola e pelos



meios de comunicação de massa, colocando outras possibilidades de pensar, agir e sentir na sociedade.

Outro pensador que analisou o processo de dominação é **Pierre Bourdieu**. Ele desenvolveu o **conceito de violência simbólica**. Com este conceito ele pretendeu **identificar formas culturais que impõem e fazem com que as pessoas aceitem como normal, natural, algo que é uma construção histórica, social**. **Violência simbólica é um processo interiorizado de forma inconsciente pelos indivíduos através de suas socializações, portanto afeta dominantes e dominados**.

Um exemplo é a dominação masculina, que ao longo da história atribui determinadas características aos homens como virilidade, força, defesa, ser o provedor da família, enquanto as mulheres seriam passivas, frágeis e cuidariam do espaço doméstico e da educação da prole. Assim, as mulheres deveriam se submeter aos homens. Veja que esse processo é interiorizado de forma inconsciente e se impõe tanto aos homens quanto as mulheres. **Nessa perspectiva, na medida em que os indivíduos se tornam conscientes do processo de violência simbólica e das dominações existentes, há uma liberdade maior de romper, de questionar o senso comum**.

Ainda, para Bourdieu, **é pela cultura que os dominantes garantem o controle ideológico**, desenvolvendo uma prática, cujo objetivo é manter a **distinção social entre as classes**. Determinados gostos marcariam quem é de uma determinada classe ou de outra. Os gostos da elite econômica e cultural como apreciar bons vinhos, saborear uma comida refinada (*gourmet*), usar determinadas marcas de roupa, praticar esportes como golfe ou tênis, ler livros clássicos e escutar músicas eruditas, etc. **seriam valores superiores, de pessoas cultas, que os distinguem dos demais**. Ou seja, esses valores considerados melhores nada mais é do que uma **imposição cultural (violência simbólica), que definiria quem tem ou não cultura, o que é legítimo ou não**. Essas classificações são aceitas e naturalizadas pela maioria das pessoas.



Por fim, destacamos o conceito de **Indústria Cultural** dos pensadores Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), da Escola de Frankfurt. Por meio desse conceito, **eles explicaram a exploração comercial e a vulgarização da cultura, como efeito da dominação ideológica no sistema capitalista**.

Criticavam a cultura de massa, na qual as empresas visavam somente o consumo e sua respectiva lucratividade, impondo uma adesão ao sistema capitalista dominante. **Isso, para os autores, levariam a uma homogeneização das pessoas, de sua subjetividade**. Nessa perspectiva, o **entretenimento independente de qual seja, seria alienante porque sugere a resignação e não propõem uma reflexão crítica sobre a sociedade em que vivemos**.

A Indústria Cultural vende ao público produtos para agradá-lo, e não para informar ou fazer pensar. Dessa forma, as produções culturais proporcionam uma fuga da realidade, para fazer com que os indivíduos continuem aceitando “naturalmente” a exploração do sistema capitalista.



Essa ideia de que a Indústria Cultural estaria destruindo a capacidade crítica foi criticada por **Walter Benjamin**, companheiro de Adorno e Horkheimer na Escola de Frankfurt. **Para ele, a indústria cultural poderia levar a arte e a cultura a um número maior de pessoas, devido à reprodução em larga escala, portanto, elas não ficariam mais restritas a determinadas classes.**

Podemos também fazer um exercício de reflexão filosófica de que tanto a cultura como a ideologia podem moldar a nossa forma de agir, pensar e sentir o mundo, no entanto, isso não se dá de forma avassaladora e mecânica (automática), porque há a subjetividade do indivíduo e também sua reflexão crítica. Claro, muitas pessoas são influenciadas pelas formas manipuladoras dos meios de comunicação e tendem a reproduzir o senso comum, contudo, existem pessoas que filtram e reelaboram a informação e se posicionam de maneira crítica.

Uma das formas de “contra-hegemonia” à produção da indústria cultural, utilizando um conceito que acabamos de ver do pensador Gramsci são as formas alternativas de informação (blog, canais no YouTube, sites), além de intelectuais que buscam refletir criticamente as produções cinematográficas e televisivas.

Com a internet existe a possibilidades de explorar excelentes informações. Dependendo de como é utilizada é possível entrar em contato com vários pontos de vistas e ao mesmo tempo formular juízos e posicionamentos. Cabe, é claro, o discernimento e a procura de fontes confiáveis. Por outro lado, podemos indagar: se quem oferece as principais plataformas na internet são empresas gigantescas como o Google, o Facebook, a Microsoft, a Apple, cujo interesse é incentivar a sociedade de consumo, além de que controlam as informações e os sites de busca, como é possível falar em liberdade e democratização da informação e do conhecimento? Assim, voltaremos as reflexões filosóficas: o que é liberdade? O que é conhecimento? Como construir um conhecimento livre na sociedade contemporânea?



4 – CONFLITOS MIGRATÓRIOS



Dentre as mudanças na sociedade atual, a ideia de nação e de comunidade vem se delineando a partir de novos contornos nas notícias e nas interações realizadas nas redes sociais. Não só no Brasil, mas no mundo, temos um movimento que vem acompanhado de um acirramento da noção de cidadão pertencente ao grupo. Internamente vemos que grupos com ideias opostas postulam o lugar de fala em nome da nação, fazendo com que o argumento contrário seja visto sob o viés de destruir a nação.

É espantoso para quem acompanha a história recente do mundo ver que no início da década de 2000, o tema majoritário nas discussões e propostas girava em torno da Globalização: um fenômeno que foi potencializado pelas novas tecnologias de informação e de comunicação: satélite, fibra ótica, internet e aumento da eficiência nos meios de transporte, que fizeram especialmente na economia e na cultura com que o mundo se sentisse próximo e interligado.

Esse contexto está sendo marcado por uma grande relação entre as nações que, seguidas pela economia, fortaleciam seus laços sociais com o aumento de viagens internacionais, o aumento do consumo de produtos importados, na qual a política externa dos países era voltada para o estreitamento de laços.

Houve em decorrência desse fato uma grande interação entre as culturas, especialmente dos países desenvolvidos que dominavam a produção para o mercado consumidor. Alguns pesquisadores

chegavam ao ponto de se questionar **se a partir desse momento haveria a formação de uma cultura universal, ou se esse fluxo constante de informações e produtos poderia causar a perda da identidade nacional.**

Com a crise de 2008 e o aumento das restrições orçamentárias pelas grandes potências econômicas do mundo, a política de austeridade foi a “bola” da vez. Boa parte do fluxo internacional se manteve exclusivamente para produtos de primeira necessidade, fazendo com que rearranjos produtivos tivessem que ser levados a cabo para contornar os efeitos da crise, que assim como a globalização impactavam os países em uma cascata planetária. Não muito distante desse momento inicial, os efeitos dessa crise foram sentidos também em países periféricos, que sem um mercado produtor forte, se viram reféns de agentes de crédito, de empréstimos.

Um dos grandes exemplos da crise foi a Grécia, que sofreu por não poder contar mais com a ajuda financeira da União Europeia até que se adequasse a alguns postulados dos organismos internacionais aliados ao pensamento econômico neoliberal. Foi imposto à Grécia reformas previdenciária, estrutura estatal, trabalhista e cortes em políticas sociais, a fim de proporcionar equilíbrio das contas públicas.

A crise mundial iniciada no setor imobiliário dos E.U.A, a partir de 2008, foi sentida alguns anos depois, de uma maneira brutal por parte dos indivíduos inseridos nesse processo de globalização. Outro efeito que se acentuou foi que muitos indivíduos ficaram impelidos do sonho de pertencer a uma sociedade mais desenvolvida economicamente – uma ideia difundida pelos países mais desenvolvidos que vendiam seu estilo de vida como superior e gerador de felicidade¹. Enquanto disputavam a hegemonia na visão das pessoas como um país ideal para se viver, essas nações criavam um laço de dependência por parte dos indivíduos, que passaram a almejar uma chance de viver em situações diferentes e melhores do que existiam em seus países de origem.



TOME NOTA!

Com um colapso global, associado a conflitos em países subdesenvolvidos, temos o aparecimento de um fluxo migratório diferente do visto durante o boom da globalização: temos pela primeira vez neste século uma massa de refugiados buscando em grande parte países europeus para viver em paz e em segurança. Movidos pelo sonho de viver em um país desenvolvido, esses indivíduos se lançam em jornadas de extremo sofrimento e perigo para conseguir asilo diplomático. Além do valor abusivo cobrado pelos atravessadores, as condições de travessia são precárias e muitas vezes acontecem acidentes que vitimam centenas de pessoas no trajeto. Há casos extremos de refugiados que pagaram para fazer a travessia e foram vendidos como escravos em países como a Líbia.

¹ Também conhecido como Soft Power, a capacidade de gerar influência por meios diferentes de força (ideológica), como músicas, filmes, produtos de consumo e modos de viver.





Apesar da comoção gerada pelas imagens desses refugiados, especialmente das crianças que sofrem com a dureza dos trajetos ou até morrem tentando entrar em um país que recebe esse fluxo de pessoas, **o discurso dentro das nações por parte dos cidadãos segue em um fluxo contrário ao humanismo, ao cidadão global. Boa parte das opiniões contrárias a aceitar pessoas de outros países são formadas a partir de dois elementos: medo do terrorismo e do desemprego, os quais foram associados ao fluxo migratório.**

Esses dois fatores fazem parte da “Modernidade Líquida” na qual vivemos, marcada conforme Zygmunt Bauman por um contexto de medos e de incertezas.

Os ataques terroristas em sua grande maioria têm a autoria reivindicada por um movimento religioso chamado de Estado Islâmico - muçulmanos extremistas que lutam por uma concepção de “guerra santa” contra países que desafiem sua autoridade em questões políticas e culturais.

Um dos exemplos de retaliação foi movido contra a França pelo simples fato da burca – vestimenta utilizada pelas mulheres muçulmanas – ter sido proibida em prédios públicos franceses. Esse ato simbólico e político gerou ataques terroristas, já que na perspectiva dos extremistas seus símbolos estavam sendo atacados pelos valores ocidentais.

Um dado interessante é o da pesquisa de opinião encomendada pela Pew Research², que demonstra que a maioria dos cidadãos europeus associa o fluxo migratório ao terrorismo. Com isso, temos o fortalecimento da **xenofobia que nada mais é que o preconceito contra indivíduos vindos de outros países**, que se agrava devido à questão econômica que assola os países desenvolvidos.



Com o aumento das taxas de desemprego, principalmente no setor industrial, por conta da crise mundial e da própria natureza do sistema capitalista, há a redução de verbas para programas sociais, portanto, receber imigrantes é associado a cortes profundos em ambas as frentes: primeiro por demandarem mais investimentos em programas de assistência e, segundo, por se tornarem uma massa de mão de obra disponível, frequentemente associados a baixos salários e ao “roubo” dos postos de trabalho dos cidadãos nativos.

Enquanto países que têm posturas pautadas no humanismo e na receptividade aos imigrantes enfrentam uma considerável reação por parte de seus cidadãos, países de ideologia liberal vêm

² <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/maioria-dos-europeus-associa-refugiados-e-risco-terrorista.html>



endurecendo políticas de recepção de refugiados a ponto de romper com grandes acordos e entidades políticas para continuar com sua postura austera.

Curiosamente, na “liderança” desse tipo de conduta estão o Reino Unido e os E.U.A, os quais lançaram na década de 1970 o ideário neoliberal e os movimentos de globalização. Contudo, estão sendo os primeiros a agirem contra a atual ordem, posicionando de forma antiglobal. O Reino Unido saiu da União Europeia (Brexit) e os Estados Unidos recentemente anunciou sua saída da UNESCO, além de endurecer com Donald Trump posicionamentos contrários à imigração, ao mercado global e aos acordos climáticos.

O presidente norte-americano Donald Trump fez sua eleição sob a pauta política de valorizar o nacional-desenvolvimentismo contrariando os princípios do livre-mercado. Na Inglaterra, Theresa May endossa abertamente a saída da Inglaterra da União Europeia e é comparada à figura de Margaret Thatcher, conhecida como a “dama de ferro” por sua postura conservadora e autoritária.

O que alimenta a outra ponta do debate são conflitos de cunho religioso, mas que podem ser desdobrados em fundamentos econômicos e políticos, **a exemplo do fluxo de refugiados**: os conflitos na Síria, Iraque, Afeganistão. Além da luta por territórios e acesso aos oceanos vizinhos, temos uma disputa lateral por recursos escassos na região, como água potável, terras férteis e jazidas de petróleo.

A ONU estima que apenas na Guerra da Síria, considerada como a maior tragédia humanitária, tenha produzido um montante de 5 milhões de refugiados e mais de 400 mil mortos que se espalham nos países vizinhos ao tentarem entrar, principalmente, em países da União Europeia que, teoricamente, têm melhores condições econômicas e humanitárias para atender as massas de refugiados.

No caso da Síria, conflito que se iniciou em 2011 com a **Primavera Árabe**, cujo objetivo era retirar o ditador Bashar al-Assad do poder, se faz presente até o momento, causando destruição quase total do país.

Al-Assad não aceitou a destituição do poder e com o apoio da Rússia, que tem negócio armamentista na Síria, vem resistindo. Outras forças disputam o poder como, por exemplo, os rebeldes moderados e os *jiihadistas* do Estado Islâmico. Estes são alvo do governo norte-americano que apoia os rebeldes para fazer frente tanto ao Estado Islâmico como ao ditador Bashar al-Assad.

O Estado Islâmico por meio de recrutamento de jovens monta exércitos em seus campos de treinamento, e coordena ataques terroristas tanto na Síria como em países que demonstrem apoio ao presidente Bashar Al-Assad ou aos E.U.A.

A proximidade da Síria com a Europa faz com que refugiados se arrisquem tentando fugir dos conflitos e das péssimas condições de vida, tanto pelo sudeste europeu quanto por rotas no Mediterrâneo, passando pelo continente africano. Muitos não conseguem chegar ao seu destino devido a barreiras ou a acidentes no percurso, deixando um saldo de milhares de mortos e feridos, além de perguntas sobre o que é ser um ser humano no século XXI.



5 – TEMA PARA VOCÊ TREINAR

Partiu treinar!

Esta é a sua 3ª redação de três. Você vai realizá-la seguindo a estrutura do tipo dissertativo-argumentativo.

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo deste curso, bem como de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: **“preservação dos recursos hídricos para as próximas gerações”**

Texto 1

Uso consciente da água: escolas aliam aprendizagem e sustentabilidade

Iniciativa: Uso consciente da água / Pública ou privada: ambas / Local: São Paulo (SP)

Descrição:

A ideia da água como um recurso escasso e da necessidade de se preservá-la não é nova. Há décadas o tema está presente em debates ambientalistas e também nas aulas de ciência. No entanto, nem sempre a prática escolar condiz com o discurso. Ou seja, apesar de muito se falar da necessidade de uma postura sustentável, o cotidiano, normalmente, é de desperdício.

No entanto, há escolas que se esforçam para mudar este panorama. No horizonte, além de reduzir o consumo de água, está o objetivo de fornecer uma educação mais significativa às crianças a partir do bom uso dos recursos naturais e a construção de posturas mais sustentáveis.

“Queremos que as crianças tenham uma preparação para essa questão da água, ensinamos a não desperdiçar, mas também a cuidar do local onde se está”, argumenta a gestora da escola de educação infantil Ponto de Partida, Carmen Farias. A instituição, localizada na Zona Oeste de São Paulo, trata do tema da sustentabilidade há cerca de vinte anos com ações simples como a reutilização de materiais e o cuidado com jardins e hortas.

Readequação

No entanto, há cerca de dez anos, a escola decidiu dar um passo adiante com a estruturação de um sistema de captação e reutilização de água da chuva. A piscina, que tinha pouca utilização, foi transformada em um grande reservatório para onde é direcionada a chuva. O sistema é simples: a água vem da calha do telhado, passa por um filtro comum e cai no reservatório. Quando o nível das caixas d’água abaixa, as bombas são acionadas automaticamente e enviam água para repor. (...)

[\(http://educacaointegral.org.br/experiencias/uso-consciente-da-agua-escolas-repensam-readequam-seu-funcionamento/\)](http://educacaointegral.org.br/experiencias/uso-consciente-da-agua-escolas-repensam-readequam-seu-funcionamento/)



Texto 2

ONU: população precisará de 40% a mais de água em 2030

Na semana em que se comemorou o Dia Mundial da Água (22 de março), a Organização das Nações Unidas (ONU) previu que, em 2030, a população global vai necessitar de 35% a mais de alimento, 40% a mais de água e 50% a mais de energia. Neste ano, as celebrações giram em torno do tema Água e Energia, e a relação arraigada entre esses dois elementos foi destaque na reunião da ONU, em Tóquio, para celebrar o dia.

(...)

O Relatório Global sobre Desenvolvimento e Água 2014, de autoria da ONU-Água, reforça a necessidade de políticas e marcos regulatórios que reconheçam e integrem abordagens sobre prioridades nas áreas de água e energia. O Relatório Mundial das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento dos Recursos Hídricos é o documento principal da ONU-Água, elaborado pelo Programa Mundial de Avaliação de Recursos Hídricos (WWAP), um programa da ONU-Água com sede na UNESCO.

(...)

Este importante relatório é um documento integral, que oferece uma visão global da situação dos recursos de água doce no Planeta. Nele são analisadas as pressões exercidas pelas decisões relacionadas à demanda por água e os efeitos que elas têm sobre a sua disponibilidade. Oferece ferramentas que ajudarão as lideranças de governos, setor privado e sociedade civil a fazerem frente aos riscos atuais e futuros. O relatório também sugere meios para reformar as instituições.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/onu-populacao-precisara-de-40-mais-de-agua-em-2030>
<http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brasilia/pdf/WWDR4%20Background%20Briefing%20N>
em 16/04/2014 – Texto adaptado

Texto 3

Uso sustentável da água

(...)

Diante dos problemas encontrados no Brasil e no mundo a respeito do uso insustentável dos recursos hídricos, a divulgação e disseminação de técnicas de baixo custo de uso sustentável da água podem ser de grande importância para solucionar problemas de populações locais de baixo índice econômico, assim como propor alternativas sustentáveis de planejamento e gerenciamento dos recursos naturais aos tomadores de decisões. É de grande importância que sejam estudadas novas estratégias de uso sustentável da água nos dias de hoje. (...) A educação ambiental torna-se fundamental para disseminar essas estratégias através da sociedade.

Fonte: <http://usosustentaveldaagua.tripod.com/> - Acesso em 16/04/2014 - Texto adaptado



6– TEMAS DE REDAÇÃO

6.1 TEMAS QUE JÁ FORAM COBRADOS

2018: A ambição como legado da condição humana: é impulsão para o desenvolvimento ou apenas miséria da humanidade.

2017: Desafios da doação de órgãos no Brasil.

2016: O que deve ser feito para reduzir a violência na sociedade brasileira.

2015: Redes sociais: entre práticas perversas e uso consciente.

2014: Desnutrição: causas, consequências e soluções.

6.2 POSSÍVEIS TEMAS

Crise Hídrica na sociedade brasileira

Como as notícias falsas (Fake News) podem impactar a sociedade?

Caminhos para uma sociedade mais tolerante

Conflitos migratórios no Brasil (Venezuela e Haiti): como resolvê-los?

Como melhorar a mobilidade urbana?

Como as redes sociais mudam os comportamentos dos jovens?

O acesso à moradia como elemento da cidadania

A importância da leitura na Era da Informação

Os desafios da educação brasileira

Os efeitos da violência urbana

Como construir uma sociedade ética?

Como garantir a privacidade e a liberdade no mundo virtual?



7– CONTATOS COM O PROFESSOR



Professor Raphael Reis



Professor Raphael Reis



profraphaelreis

Para se inscrever na lista de e-mail e receber dicas gratuitas e informes de aulas ao vivo,
clique [AQUI](#)

E-MAIL: profraphaelreis@gmail.com



8- FOLHA DE REDAÇÃO

Linha	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	



